

Apresentação

Os limites do real da língua e da história: do Plano das Ideias ao Plano Teórico

Tenho procurado, nos últimos tempos, mostrar aos meus orientandos que todo trabalho acadêmico está vinculado a uma direção de pesquisa pensada em dois planos que estão intimamente interligados. São eles: o Plano das Ideias e o Plano Teórico.

O que estou chamando de Plano das Ideias tem a ver com a singularidade, a subjetividade máxima do orientador e do orientando. Nele o “eu” aparece na sua temporalidade própria e nas suas mais diversas formas, sobretudo, na sua forma real – imaginária - de fazer parte do processo de produção do conhecimento. É nele que cada um de nós pode e deve se mostrar, é nele que cada um de nós coloca para “fora do armário” o que tem de mais íntimo. Eu diria que é nele que o sócio-histórico se mostra constitutivamente. É nele que o singular transborda e faz construir aquilo que o diferencia dos demais. É nele que o objeto é vislumbrado, pensado, objetivado.

Já o Plano Teórico é mais denso, menos retilíneo e em um outro ponto da singularidade. O Plano Teórico é constituído também sócio-historicamente, mas não da mesma forma que o Plano das Ideias. Aqui, o sócio-histórico funciona em relação ao que o orientador faz, em qual linha de pesquisa ele está inserido, em qual problemática de pesquisa ele está colocado teoricamente. No Plano Teórico, existe, também, uma história, mas uma história teórica que não pode ser dissociada da comunidade científica da qual todos fazemos parte.

No entanto, para os dois planos também existe uma história, sem ela não há relação entre um e outro. Impossível dissociá-los, um não existe sem o outro. Para os dois planos, a história vem com a singularidade da história da individuação para compor a história social da pesquisa e da produção do conhecimento. Nessa relação, eu saio da projeção individual para me colocar em condições de produção próprias ao campo teórico com o qual me identifico consciente ou inconscientemente. Por exemplo, não posso encontrar o objeto para depois encontrar a teoria ou não posso “ter” a teoria para depois pensar ou procurar o objeto. Os dois vêm juntos pelos gestos de interpretação que vão, aos poucos, constituindo sentidos para si e para o orientador.

É no entremeio dos dois, que a relação entre o orientador e o orientando se faz matéria e é fundamental. Relação importante para a constituição do objeto teórico e para a compreensão do político em funcionamento na e da comunidade científica a que pertencemos. Tal relação está posta em uma discursividade sem limites mas que não é e nem pode ser qualquer uma, pois ela é regida pelo simbólico. Ela está posta, também, na aprendizagem da ética e do respeito à diferença. Ela está posta e, é constituída, por uma interdiscursividade em um certo tempo e em um certo lugar, pois ao mesmo tempo em que penso estar entendendo o que meu orientador produz, eu preciso estar entendendo o que faço para procurar entender a minha relação com ele. O limite enunciativo do “eu” e do “tu” deve ser compreendido pela singularidade de ambos, na

passagem do Plano das Ideias para o Plano Teórico e vice-versa, para poder entender, de fato, discursivamente, a relação entre eles. É nesse vai e vem que a monografia/dissertação/tese vai sendo construída e constituída, que a escritura se dá, acontece, se singulariza. Escritura que se constitui pelo próprio da discursividade filiada aos sentidos da prática científica em que me encontro.

Outro ponto importante a considerar, como já assinalamos anteriormente, é que o Plano das Ideias e o Plano Teórico não estão dissociados da comunidade científica de origem. Ela é a peça chave para a tão propalada visibilidade da pesquisa. E a visibilidade que estou falando, aqui, tem a ver, antes de qualquer coisa, com o aprendizado da vida em grupo. Grupo de orientandos, grupos de pesquisa, laboratórios de pesquisa, associações científicas, fontes financiadoras. Sem eles não sou nada. Eu não existo. A solidão, se ela pode existir, está posta no processo enunciativo e não no produto da enunciação. Pois, ao enunciar – produzir –, eu trago comigo a minha história e a história da comunidade em que estou inserido. Portanto, não existe o eu sozinho em pesquisa. É preciso, antes de qualquer coisa discursivizar e fazer existir a relação sempre conflituosa do eu x tu para produzir historicamente, para nos colocarmos em uma teoria, escolher um método, estabelecer um objeto e produzir uma análise. Isto não significa tão somente ser mais que um mero leitor desavisado; isso significa sobretudo, ser um leitor identificando-se com o que lê porque precisamos não só saber o já sabido como também devemos procurar saber o que ainda não se sabe. Suportar a falta, no sentido pechétiano, para poder fazer emergir os sentidos.

Outro ponto a destacar diz respeito ao pressuposto teórico que delimita nosso campo, ou seja, não há sentido sem interpretação e ela está posta nos dois Planos indicados anteriormente e, em dois níveis, o de quem enuncia e o de quem interpreta/compreende como o processo do aprendizado da pesquisa produz sentidos. Mas, tal relação é incompleta e a função dessa incompletude é o da falta, limite movente e tenso entre o sentido e o não sentido na abertura constante para o simbólico, movimento contínuo da significação entre a repetição e a diferença. Movimento na língua passível, por sua vez, de um jogo inscrito na história de nossa prática de leitura. Por isso, o trabalho com a exterioridade é importantíssimo na relação do Plano das Ideias com o Plano Teórico. Exteriorizar o objeto teórico para que no processo de significação, ele possa ser administrado, posto, composto, deposto, para que ele possa constituir o nosso eixo de significação. Esse funcionamento é fundamental, por sua vez, para a constituição de um dispositivo analítico, uma prática do exercício do entremeio em relação à metalinguagem em sua espessura semântica.

O que vamos encontrar, na reunião dos textos apresentados aqui, é uma singularidade posta pelo funcionamento do trabalho social da leitura, um desmembramento do eu pelo tu e vice-versa na constituição de sentidos para a pesquisa em um trabalho de orientação. Trabalho esse que ultrapassa os limites do real da língua e da história, que ultrapassa o previsível do enunciável porque, para nós, não há um só sujeito em pesquisa mas tantos quantos forem as interpretações, essas analisáveis no eixo posto pela discursividade científica, a suportar no sentido de Pêcheux (1995). E mais, para nós, há tantas subjetividades quantos procedimentos de significação para podermos constituir o sentido da partilha do sensível como muito bem nos ensina Rancière (2009). Tantos sujeitos quantas subjetividades para se construir a ética científica e o direito do indivíduo a dispor da “sua” língua para produzir conhecimento,

naquilo que pensávamos nos anos 70 e 80, de forma ingênua, como a autonomia do sujeito.

Boa leitura,

Amanda E. Scherer